

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

MORANGO	2
SOJA	3
CAFÉ	3
BOVINOS	4
PERUS	4
MEL	7

Damos início ao segundo semestre de 2026 com um panorama de transições para o agronegócio paranaense e nacional, onde o comportamento do comércio exterior e o ritmo das safras redesenham as margens dos produtores e os preços no varejo.

No setor hortifrúti, as importações de morango congelado do Egito ganham protagonismo com a entrada massiva do produto no País, gerando um ambiente de forte concorrência que pressiona a agroindústria nacional de derivados e causa desconforto no setor produtivo.

Também beneficiado pela grande oferta, o consumidor de óleo de soja no Paraná encontra alívio no bolso, reflexo direto da retração nas cotações do grão que puxou os preços do derivado para baixo ao longo do primeiro semestre. Essa tendência de queda na ponta do consumo também é observada no mercado de café, pressionado pelo avanço da colheita de

uma safra brasileira volumosa que já provoca recuos expressivos nos preços do produto torrado e moído nas gôndolas dos supermercados.

No segmento de proteínas, a proximidade do esgotamento da cota de exportação de carne bovina para a China sinaliza uma desaceleração nos frigoríficos e um provável redirecionamento do excedente para o mercado interno, o que deve aliviar temporariamente os preços da carne até outubro. Já a carne de peru vive um bom momento no comércio internacional, consolidando uma virada histórica impulsionada pelo apetite do mercado mexicano, que elevou o faturamento e valorizou o produto oriundo dos estados do Sul.

Por fim, o setor apícola experimenta um cenário global complexo e ambivalente, em que o otimismo trazido pela queda das tarifas protecionistas nos Estados Unidos e pelo avanço nas vendas para o Canadá e Alemanha divide espaço com a urgência de readequações sanitárias, diante da recente suspensão das exportações de mel e outras proteínas animais para a União Europeia.

Boa leitura!

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

MORANGO

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

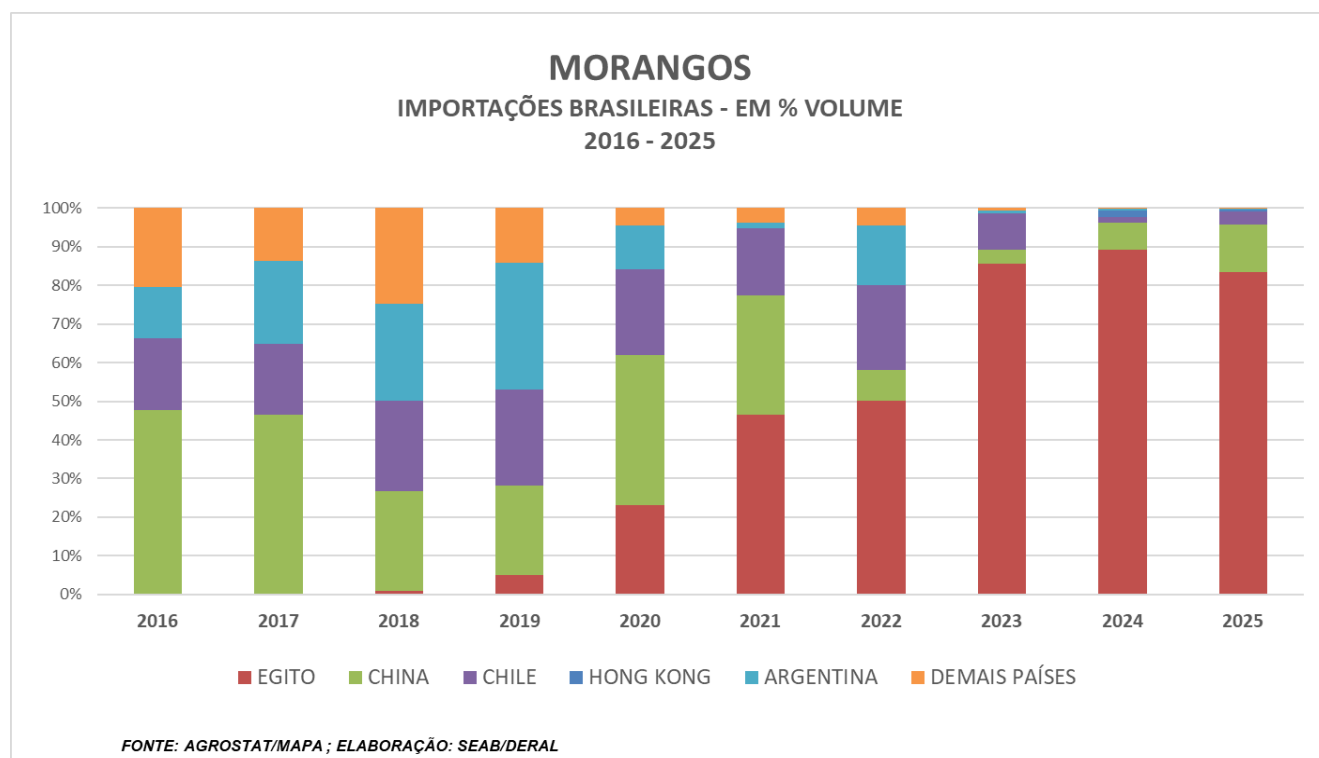
Em complemento ao informe da semana anterior, hoje o foco será nas importações de morangos brasileiros, aferidas pelas estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/AGROSTAT, na página do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA.

No último ano, foram adquiridas pelo Brasil um volume de 42,1 mil toneladas (t) de morango, custando US\$ 44,7 milhões a um preço médio de US\$ 1.062/t. Neste período as proporções das compras externas foram de 42,0 mil t da fruta congelada, 97,8 t preparada/conservada e

tão somente 38,0 quilogramas de produto fresco.

Considerando-se a série de 2016 a 2025, as quantidades vindas de fora variaram de 4,3 mil t em 2022 a 8,5 mil t no início do rol, no entanto, com acréscimos significativos a partir de 2023, quando entraram no país 18,5 mil t, superados em 2024 na compra de 34,0 mil t e suplantado no ano passado com 42,1 mil t, inundando o mercado nacional de derivados do Morango.

O Egito foi o principal fornecedor, englobando 83,4% dos volumes e 80,3% dos valores importados, seguido pela China com 12,4% e 13,3% dos mesmos indicadores. Outros doze países enviaram



Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

estes produtos para o Brasil em menor escala.

Atente-se ao fato de que, no período em tela, o Egito iniciou sua presença no mercado nacional em 2018, com 45,6 t, participando tão somente com 0,9% das 5,0 mil t compradas do exterior. À época, China, Argentina e Chile aquinhoavam ao redor de 2/3 das importações com aproximadamente 25,0% equivalentes cada das quantidades.

Esta internalização maciça do produto da terra dos faraós causa um desconforto e insegurança no setor produtivo, pois os preços praticados competem com os nossos derivados do morango, sinalizando uma concorrência acirrada, engessando a renda e novos investimentos no setor.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Os consumidores paranaenses de óleo de soja pagaram menos pelo produto no primeiro semestre de 2026. A pesquisa de preços no varejo, realizada mensalmente pelo Deral, apontou que a embalagem de 900 ml foi comercializada no Estado por um preço médio de R\$ 7,04 em junho, enquanto a média registrada em 2025 foi de R\$ 7,42. Assim, os preços

atuais estão 5,1% abaixo da média de 2025. No semestre o preço médio ficou em R\$ 7,32.

Na comparação com junho de 2025, a redução foi mais modesta, de 0,4%. Os menores preços do óleo de soja podem ser reflexo da queda nas cotações da soja em grão. Em junho de 2026, o preço recebido pelo produtor encerrou o mês em R\$ 112,47 por saca de 60 quilos, valor 4% inferior ao registrado no mesmo período de 2025 e 5,4% menor quando comparado à média de 2025.

CAFÉ

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Os preços do café recebidos pelo produtor seguem pressionados pelo avanço da colheita, movimento que já se reflete no preço pago pelo consumidor. Conforme pesquisa do Deral, na semana anterior, a média recebida pelo cafeicultor foi de R\$ 1.341,59 por saca de 60 kg (café beneficiado) — valor 35% inferior à média praticada em junho de 2025. O principal vetor dessa queda é a colheita de uma safra volumosa no Brasil, liderada por Minas Gerais, e com uma contribuição paranaense de cerca de 710 mil das 66,7 milhões de sacas a serem colhidas em território nacional neste ano. Como junho e

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

julho marcam o pico da atividade no campo, a entrada dessa safra histórica continua exercendo forte pressão sobre o mercado.

No varejo paranaense, o pacote de 500 g de café torrado e moído custou, em média, R\$ 25,55 em junho — uma queda de 6% em relação a maio (R\$ 27,13) e de 18% frente a junho de 2025 (R\$ 31,14). Esse recuo superior a R\$ 5,00 reflete a comercialização dos grãos colhidos desde abril a preços mais baixos. Como o café colhido hoje leva cerca de um mês para chegar às prateleiras, a tendência de retração nos preços dos supermercados deve perdurar no curto prazo.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

A cota anual de exportação de carne bovina brasileira para a China, fixada em 1,1 milhão de toneladas, já está praticamente esgotada. A partir desse limite, as exportações passam a ser tributadas em 55%, além da alíquota de 12% incidente sobre o volume embarcado dentro da cota, o que torna as negociações economicamente inviáveis.

A China é o principal destino da carne bovina brasileira, respondendo por quase 50% de todo o volume exportado

pelo país. Diante desse cenário, alguns frigoríficos já começam a reduzir o ritmo de produção e, em alguns casos, a suspender temporariamente as operações, concedendo férias coletivas aos funcionários.

Embora parte da produção possa ser redirecionada para outros mercados, é provável que o excedente aumente a oferta no mercado interno, pressionando os preços para baixo. Isso pode representar algum alívio para o consumidor brasileiro, que desde o ano passado enfrenta preços elevados da carne nos supermercados. A tendência, contudo, é que esse efeito seja temporário, devendo se estender apenas até outubro, quando as exportações passarão a ser contabilizadas na cota referente a 2027.

PERUS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Do Sul para o mundo: O salto da carne de peru brasileira foi impulsionado pelo apetite mexicano em 2026. O mercado brasileiro de carne de peru e seus derivados vive um momento de forte reestruturação e consolidação em 2026, impulsionado por uma virada histórica no comércio exterior.

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

Após enfrentar um longo período de retração – com a produção nacional despencando do pico histórico de 390,48 mil toneladas em 2017 para 127,36 mil toneladas em 2024 –, o setor encontrou na exportação o combustível necessário para uma retomada altamente rentável.

Essa dinâmica alterou profundamente a balança do setor, visto que, historicamente, cerca de metade de toda a produção nacional (50,38% no fechamento de 2024) já vinha sendo direcionada ao mercado internacional, deixando a outra metade para o consumo interno, que viu sua disponibilidade per capita cair de 0,555 kg em 2020 para modestos 0,297 kg em 2024.

Essa cadeia produtiva altamente concentrada tem como motor a infraestrutura industrial que está sediada na Região Sul do país, a qual responde por praticamente 100% da produção nacional, dividindo-se entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Se em 2024, o setor amargou quedas no volume exportado (64 mil toneladas) e no faturamento (US\$ 154 milhões). Mas os dados consolidados do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA/Agrostat), para os primeiros cinco meses de 2026, revelam uma reviravolta

impressionante: o Brasil exportou 27.872 toneladas de carne de peru no período, gerando um ingresso de divisas de US\$ 114,906 milhões. Esse resultado representa uma expressiva alta de 30,7% em volume e um salto espetacular de 123% em receita cambial, em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o país havia embarcado 21.320 toneladas, com receita de US\$ 51,517 milhões.

O grande segredo por trás desse crescimento explosivo no faturamento não foi apenas a quantidade de carne enviada para fora, mas sim uma forte valorização de preços.

Os produtos "in natura" dominam de forma absoluta a pauta de exportações, representando 97,8% do total embarcado (27.268 toneladas e US\$ 111,803 milhões). O preço médio alcançado pela tonelada da carne de peru "in natura" saltou para US\$ 4.100,15 nos primeiros cinco meses de 2026, um valor 55,9% maior do que os US\$ 2.630,14 registrados no mesmo intervalo do ano anterior. Esse avanço permitiu que o faturamento da categoria crescesse 136,1%, compensando com folga as oscilações de volume de anos anteriores e garantindo margens muito mais robustas para os frigoríficos brasileiros, que concentram seus embarques

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

majoritariamente no formato de cortes, seguidos por produtos industrializados e aves inteiras.

No plano regional, os três estados sulistas registraram crescimento nos embarques de janeiro a maio de 2026, embora com desempenhos e faturamentos distintos. O Rio Grande do Sul assumiu a liderança em volume absoluto, enviando 11.115 toneladas ao exterior (+42,6%) e faturando US\$ 38,064 milhões (+105,6%). Santa Catarina despontou logo atrás em volume, com 10.700 toneladas (+37,5%), mas garantiu a liderança em receita devido ao maior valor agregado de seus produtos, somando US\$ 47,377 milhões - um crescimento avassalador de 159,2% na receita cambial.

O Paraná, por sua vez, fechou o pódio com 6.002 toneladas exportadas (+8,2%) e faturamento de US\$ 29,328 milhões, o que também representou uma evolução de 105,6% em relação ao faturamento do ano anterior, que havia sido de US\$ 14,265 milhões para um volume de 5.548 toneladas.

Essa injeção de dólares na economia do Sul é explicada pelo apetite voraz de mercados estratégicos, com destaque absoluto para o México. Os mexicanos consolidaram-se como os

maiores clientes da peruicultura brasileira no período, importando 7.863 toneladas (+272,1%) e gerando uma receita impressionante de US\$ 34,104 milhões, o que equivale a um crescimento de 526,6% em divisas.

Outros parceiros tradicionais também mostraram forte expansão: a África do Sul importou 3.938 toneladas (+46,8% em volume e +125,4% em receita, somando US\$ 7,782 milhões), seguida de perto pelo Chile, com 3.928 toneladas (+25,5% em volume e +160,1% em receita, atingindo US\$ 27,397 milhões). No mercado europeu, os Países Baixos absorveram 2.492 toneladas (+25,3% em volume e +117,6% em receita, totalizando US\$ 18,193 milhões), enquanto o país africano de Gana fechou o "Top 5" ao registrar 1.176 toneladas, um avanço de 123,6% em volume e de 209,7% em receita (US\$ 2,295 milhões).

Para além dos cinco principais compradores, a capilaridade da carne de peru brasileira em 2026 estende-se por diversos outros continentes, consolidando posições importantes que ajudam a pulverizar os riscos de mercado. O Peru aparece na sexta posição do ranking de destinos, tendo adquirido 1.401 toneladas com receita de US\$ 3,894 milhões, seguido

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

pela Guiné Equatorial com 849 toneladas (US\$ 1,788 milhão) e pelo Benin com 791 toneladas (US\$ 1,626 milhão). Fechando o grupo dos dez maiores importadores da proteína brasileira estão o Gabão, responsável pela compra de 675 toneladas (US\$ 1,622 milhão), e as Bahamas, que importaram 491 toneladas com receita de US\$ 1,104 milhão.

Esse panorama global desenha um cenário de otimismo e consolidação para a agroindústria brasileira, mostrando que, apesar do encolhimento do mercado interno, a peruicultura nacional se converteu em uma atividade altamente competitiva, rentável e valorizada nas gôndolas internacionais.

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A exportação de mel brasileiro movimentou US\$ 42 milhões até maio, em cenário de transição global. No acumulado dos primeiros cinco meses de 2026, as exportações brasileiras de mel “in natura” atingiram um total de 12.022 toneladas, o que representa uma retração de 21% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram embarcadas 15.217 toneladas. De acordo com os dados fornecidos pela Agrostat Brasil, o

faturamento em dólares acompanhou esse recuo e alcançou US\$ 42,090 milhões, refletindo uma queda expressiva de 13,5%, em comparação com os US\$ 48,675 milhões registrados em igual intervalo de 2025.

Apesar da redução nos volumes gerais, o período foi marcado por uma valorização no cenário internacional. O preço médio nacional do mel em análise fechou em US\$ 3.501,04 por tonelada, o equivalente a US\$ 3,50 por quilo, resultando em uma elevação de 9,5% frente ao valor médio de US\$ 3.198,45 por tonelada, ou US\$ 3,20 por quilo, observado no ano anterior.

No contexto do desempenho dos estados produtores, o ranking nacional apresentou movimentações importantes e cenários distintos. O estado de Minas Gerais liderou as exportações de mel no período, somando US\$ 9,407 milhões em receita oriunda do embarque de 2.643 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,56 por quilo, embora os números tenham ficado abaixo do ano anterior, quando o estado registrou US\$ 12,238 milhões em faturamento e 3.761 toneladas. Santa Catarina assumiu a segunda posição ao registrar um crescimento robusto de 63,4% em volume, alcançando US\$ 8,508 milhões

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

em receita e 2.412 toneladas exportadas a um preço médio de US\$ 3,41 por quilo, superando significativamente os US\$ 4,553 milhões e as 1.476 toneladas de 2025.

O Paraná passou a ocupar o terceiro lugar, acumulando receita cambial de US\$ 7,178 milhões e volume de 2.076 toneladas; mesmo com uma alta de 6,4% no preço médio, que atingiu US\$ 3,46 por quilo, o estado sofreu uma queda expressiva tanto em volume, de 25,6%, quanto em receita, de 20,8%, em relação ao ano anterior. Fechando o grupo dos principais exportadores, o Piauí garantiu a quarta posição com uma forte expansão de 65,2% em volume, totalizando 1.057 toneladas e US\$ 3,609 milhões, enquanto São Paulo ficou em quinto lugar, registrando 4.574 toneladas e um faturamento de US\$ 1,328 milhão, o que representou uma leve alta de 2,7% em volume.

Os Estados Unidos da América prosseguiram como o destino primário das exportações brasileiras de mel entre janeiro e maio de 2026, absorvendo 63,6% do volume total exportado pelo país. O mercado norte-americano adquiriu 7.650 toneladas do produto, gerando uma receita cambial de US\$ 26,682 milhões a um preço médio de US\$ 3,49 por quilo. Ainda assim,

o acumulado do ano reflete uma retração de 39,2% no volume embarcado e de 33,5% na receita cambial na comparação com o mesmo período de 2025, quando os norte-americanos importaram 12.592 toneladas e desembolsaram US\$ 40,153 milhões. Como aspecto positivo, houve um crescimento de 9,4% no valor da tonelada do mel para esse destino, saltando de US\$ 3.188,76 para US\$ 3.487,80.

Essa retração momentânea está ligada aos reflexos do protecionismo comercial, cujos efeitos ainda foram sentidos no curto prazo.

No mês isolado de maio de 2026, os EUA importaram 2.703 toneladas, gerando US\$ 9,130 milhões, o que significou uma performance negativa em volume, com queda de 19,7%, e em receita, com recuo de 23,5% frente às 3.367 toneladas e US\$ 11.935 milhões de maio de 2025, acompanhada por uma redução de 5,8% no custo médio da tonelada.

Apesar dessa retração recente, as perspectivas para o mercado norte-americano são otimistas para o restante do ano devido a uma decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos em 20 de fevereiro de 2026, que derrubou o "tarifaço" de 50% estabelecido. Com a queda das chamadas tarifas recíprocas, o mel e outros

Boletim Conjuntural Semana 27/2026 – 2 de julho de 2026

produtos agropecuários deixaram a alíquota protecionista para retornar à tarifa geral, que oscila entre 10% e 15%.

Esse alívio tarifário, somado à valorização do produto, abre caminho para a recuperação das margens brasileiras, restando observar se a tendência de retomada do comércio bilateral se confirmará nos próximos meses.

Além disso, a menor compra por parte dos Estados Unidos foi estrategicamente compensada pela ascensão de novos importadores e pelo aumento de demanda em mercados tradicionais. Entre os outros principais destinos do mel brasileiro no período, destacaram-se o Canadá, com 2.128 t e US\$ 8,128 milhões, e a Alemanha, com 1.078 t e US\$ 4,064 milhões, apresentando crescimentos expressivos de 79% e 113% em volume, respectivamente, além de altas substanciais em receita cambial. Completam a lista de compradores relevantes o Reino Unido, com 576 t e US\$ 1,957 milhão, a Polônia, com 124 t e US\$ 292.384, as Filipinas, com 116 t e US\$ 417.053, os Países Baixos, com 82 toneladas e US\$ 308.924, e a Áustria, que importou 19 t somando US\$ 51.357.

O vigor dessas praças alternativas ficou evidente em maio de 2026, mês em que o Canadá registrou altas de 74,3% em volume e 81,8% em receita, enquanto a Alemanha surpreendeu com incrementos de 171,9% em volume e 178,9% em receita.

Contudo, o horizonte do setor apícola nacional ganhou novos desafios que poderão passar a serem sentidos a partir de setembro deste ano, com a notícia da retirada do Brasil da lista de países autorizados a exportar produtos de origem animal para a União Europeia. A medida inclui o mel, impondo ao setor a necessidade de readequações urgentes para mitigar novos impactos econômicos no mercado internacional.